

Perto de completar 30 anos de carreira, compositor porto-alegrense segue adicionando “de tudo e outras milongas mais” ao *mojo* de seu blues



reportagem  
cultural

## A milonga sincrética de Oly Jr.

**Cristiano Bastos**, especial para JC

Por aceção, o termo “milonga” define um gênero musical e também de dança cujas autóctones raízes culturais estão fincadas em países da região do Rio da Prata: Argentina, Uruguai e também no Rio Grande do Sul (popularmente, a expressão igualmente é utilizada quando, de forma pejorativa, refere-se a “conversas longas e prolixas” ou a “desculpas esfarrapadas”). No que se refere ao músico porto-alegrense Oly Jr, um dos blueseiros mais atuantes do Sul do Brasil e que está contando 30 anos de trajetória, a milonga o fez um dos responsáveis no Estado pela renovação desta musicalidade, a partir do final dos anos 2000. Foi neste momento histórico que Oly decidiu juntar blues à milonga, dando vida, assim, ao tipo de música que ganhou o sincrético nome de “milonga blues”.

Agora, Oly Jr vê-se às voltas com a preparação em estúdio de *Quando a Milonga Beija o Blues*, o terceiro título da trilogia blues-milongueira iniciada em 2009 com o disco *Milonga Blues* (vencedor naquela ocasião do Prêmio Açorianos de Música nas categorias blues/jazz) e continuada três anos depois em *Milonga em Blue (Notas do Delta)*. O primeiro conteúdo canções autorais, o segundo releituras e o que está por vir, por sua vez, formado novamente por músicas autorais. Dessa vez, porém, em total incursão pelas paragens da música instrumental (vertente pouco explorada pelo guitarrista em quase três décadas de atuação profissional). “Em *Quando a Milonga Beija o Blues* eu testo ainda mais possibilidades de fundir a milonga com blues, enquanto elementos ‘coirmãos’ que entrelaçam-se em suas matrizes africanas e sulistas ocidentais.

Nas canções do álbum eu dialogo com as magias, misticismos, melancolias, contemporaneidades e, sobretudo, com as características e semelhanças musicais entre a milonga e o blues”, define o compositor.

Oly afirma, por outro lado, que a escolha pela milonga no *crossover* resultante em sua “milonga blues” não se dá meramente por critérios de ordem estética. Tem mais a ver, elucida, com uma evocação de heranças culturais pampeanas (parte de sua família paterna tem origem charrua, uruguaia e argentina). Quanto a isso, ele poetiza: “A milonga sempre foi o gênero musical que me fez refletir, lidar com a solidão, lembrar de coisas simples como contemplar o horizonte, a feitura de um mate no amanhecer, o frio, a paisagem rural, mesmo em Porto Alegre, na Zona Sul da cidade, onde me criei. Mas ela também me remete a um

caminhar urbano”.

No olhar do violinista Angelo Primon, com o qual em 2018 formou-se o quarteto *Violas ao Sul* (completado com os instrumentistas Mário Tressoldi e Valdir Verona), Oly Jr é um dos mais singulares artistas gaúchos. Primon reconhece no guitarrista porto-alegrense “um cara atuante e inquieto”. “Oly é o típico músico que traz para a sua arte as características de suas vivências pessoais, articulando na equação dessa arquitetura musical clássicas temáticas blueseiras. Isso inclui toda a mitologia acerca de pactos, mandingas e folclore que fazem parte de tal universo”, explica Primon.

O multi-instrumentista Gaspo Harmônica, guitarrista com o qual fez dois álbuns (*Na Capa da Gaita* e *Onde Está o Meu Dinheiro*), destaca entre os atributos de Oly a autenticidade de suas

criações musicais e também a originalidade com que o guitarrista aventura-se visitando a obra de outros compositores. “Quando o Oly interpreta músicas de outros artistas, é preciso frisar que as interpreta de maneira inteiramente sua. Esse, além do pendor de ambos para a improvisação, foi um dos predados que nos levaram a uma identificação imediata”, distingue Gaspo.

Quanto ao futuro, os próximos projetos de Oly Jr. estão definidos. E vão além da milonga. Um deles consiste em reunir em um disco as músicas que compôs em homenagem a Porto Alegre, da mesma forma que Lou Reed poetizou em seu disco *New York*. Enquanto isso, segue em construção e desconstrução, entoando: “A música é um ponto de partida. Nunca de chegada”.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Apesar das catástrofes

No ano passado, ao longo dos meses de junho e de julho, havia um enorme esforço no setor cultural para tentar abrir espaços que permitissem aos grupos culturais - musicais, teatrais, de dança etc. - retomarem suas atividades e alcançarem um mínimo de sobrevivência. Idealizado a partir da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Theatro São Pedro, ocorreu, então, o Movimenta Cena Sul, um festival que teve o patrocínio do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, com uma programação desenvolvida durante um mês inteiro, nos espaços da Fundação Theatro São Pedro.

Passado o primeiro ano daquela hecatombe, aquele festival vai receber uma segunda edição, que vai se desenvolver entre 19 e 28 de julho, portanto, neste mês.

Na coluna da semana passada, escrevi sobre a necessidade de não esquecermos, porque isso nos ajuda a saber quem somos. Pois o Movimento Cena Sul, de certo modo, desenvolve, na prática, esta ideia: nos dias 19 e 20 de julho teremos dois espetáculos musicais, *Canto de América*, em que Shanna Müller homenageia Mercedes Sosa, e *O nome dela é Gal*, em que Fernanda Copatti revisita a cantora Gal, recentemente falecida, num trabalho assinado por Diego Mac.

Seguem-se dois espetáculos de teatro que têm alcançado grande repercussão onde têm sido apresentados, *Onde está Cassandra?*, no dia 24 de julho, texto de Cassandra Calabouço e Gui Magarizi, concepção e direção de Cassandra Calabouço e um elenco de *drag queens*, seguido de *Rhinocerontes*, no dia 25 de julho, baseado no clássico texto de Eugène Ionesco, com direção de Eduardo Kraemer, para o grupo Teatro Ofidico. O espetáculo está dividido em duas partes, a primeira das quais ocorre na praça defronte ao Theatro São Pedro e depois nos jardins da fundação, e a segunda dentro do teatro Olga Reverbel. A interpretação é de Renato Campão. *Rhinocerontes* é um clássico do chamado 'Teatro do absurdo', que se desenvolveu a partir dos anos 1950, no pós II Grande Guerra, sendo seus grandes referenciais o irlandês Samuel Beckett e o ro-

meno Eugène Ionesco. No caso deste texto, foca-se uma pequena cidade que um dia é invadida por rinocerontes. Na verdade, seus até então pacatos moradores vão se transformando gradativamente em rinocerontes que, no contexto, representam, evidentemente, a violência institucional. Os acontecimentos que têm atravessado o mundo, da destruição de Gaza à invasão da Ucrânia e, no Brasil, a divisão ideológica que temos observado, tornam o texto profundamente oportuno e contemporâneo.

O festival prossegue, no dia 26, com o espetáculo de dança *Peixes*, concepção e coreografia de Camila Vergara, recriando um cardume que é levado pelas correntes marítimas. Dois espetáculos teatrais encerram o festival, o primeiro deles, no dia 27, denominado *Negreiros: Histórias que a História não conta*, do Grupo Teatral Leva eu, concepção e interpretação de Juliano Felix, com dramaturgia de Diego

Ferreira, aproximando a experiência colonial da escravidão africana e as atuais escravaturas da contemporaneidade, em especial, evidentemente, os preconceitos raciais do País, com destaque para a criminalização e eliminação da juventude negra brasileira.

*A menina dos olhos*

*d'água*, do Coletivo Gompa, é um texto dirigido às crianças, concepção de Liane Venturella, que interpreta, e Camila Bauer, que assina a direção, com manipulação de bonecos, projeção de vídeos e tecnologias variadas, discutindo a reação das crianças aos cataclismos climáticos como os que temos vivenciado e que, em parte, acabaram de se repetir. A cenografia é do experiente artista plástico Elcio Rossini, bonecos e máscaras de Pedro Girardello, trilha sonora de Paola Kirst e Alvaro Rosacosta. O espetáculo estreou na Alemanha, onde atriz e diretora vivenciaram um recente estágio técnico.

Todos os espetáculos têm ingressos de valores bastante baixos. É um bom momento para, primeiro, conhecer, quem ainda não assistiu, a estes espetáculos locais e, segundo, verificar que, apesar de todas as dificuldades e traumas, nossa produção artística continua dinâmica e criativa.

*Passado o primeiro ano da hecatombe climática, o festival Movimenta Cena Sul recebe uma segunda edição*



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## O sonho e a mercadoria

No ano de 1989, quando a Hungria abriu sua fronteira com a Áustria, permitindo assim que milhares de pessoas que viviam em países integrantes do Pacto de Varsóvia procurassem outro cenário para viver, teve início um processo que foi concluído em 26 de dezembro de 1991, quando a Federação Russa reconheceu a independência dos países que, sob a sua liderança, formavam a URSS. Foi o fim da chamada Guerra Fria, um conflito ideológico que dividiu a Europa, e de certa forma todo o Ocidente, em dois regimes: o pluripartidário e o controlado por um partido único; o da economia da livre concorrência e o de controle do estado. É nessa época que transcorre a ação de *O grande golpe do leste*, título brasileiro que é mais um que nada tem a ver com o original alemão: *Dois por um*, que reflete a situação econômica do período em que a moeda da então Alemanha Oriental tinha desvantagem expressiva diante daquela da Alemanha Ocidental. A diretora Natja Brunkhorst coloca a ação de seu filme em tal época, mas está mais interessada em acompanhar pessoas que vivem num tempo de transição radical

do que tentar colocar na tela qualquer forma de ensaio sobre o fim do comunismo europeu e o início de uma nova fase. Aqueles que hoje são contemporâneos do conflito entre Rússia e Ucrânia certamente terão o que pensar ao constatarem que Alexander Dovjenko, um dos luminares do cinema soviético, o autor de *Terra*, *A mãe* e *Shchors*, era ucraniano.

A diretora Brunkhorst não é o primeiro nome a focalizar tal tema. No já longínquo 1961, Billy Wilder realizou *Cupido não tem bandeira*, um filme profético, pois tinha como protagonista um poderoso empresário interessado em colocar na então RDA um famoso refrigerante e tendo uma grande e desagradável surpresa na cena final. E não deve ser esquecido *Adeus, Lenin*, realizado em 2003 por Wolfgang Becker, no qual uma velha senhora adepta de um regime já

extinto era transformada em espectadora do passado, a fim de que acreditasse de que tudo continuava como antes, que a perfeição então tivesse sido alcançada. Um consolo armado por uma série de truques. A vitória da fantasia. A diretora do filme atual está interessada em abordar o tema por outros ângulos, principalmente aqueles relacionados a aspectos ligados à importância da necessidade da mercadoria para a vida humana, o que remete o espectador para a página inicial de *O capital*, quando Marx a define como algo essencial para "o estômago e a fantasia".

Sonhos desfeitos para uns e inimigo vencido para outros, o regime que entrou em colapso devido a diversos fatores, entre eles o de ignorar leis dialéticas, terminou originando problemas não previstos pelos admiradores de simplificações. Brunkhorst pretende falar deles - desde as fronteiras entre amizades e paixões

*O filme se interessa mais por pessoas vivendo uma transição radical do que em um ensaio sobre o fim do comunismo europeu*

e a procura de uma salvação. E tudo é feito com leveza e humor, o que faz com que uma menina, representando o futuro, faça exigências para colocar à disposição do grupo de "investidores" a fortuna que acumulou em um brinquedo que, por ironia, lembra a

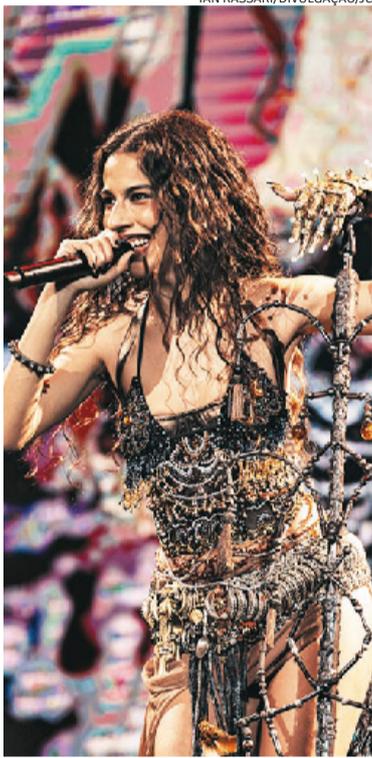
nação que havia abdicado do seu domínio. E há em cena, também, políticos de ambos os lados, nos quais o propalado humanismo é apenas cobertura para o fascínio pela mercadoria. Esta, representada por centenas de pacotes, satisfaz necessidades e fantasias. O filme é em parte construído por fantasias, embora, segundo informações nos créditos finais, baseado em fatos reais. Na fase reconstituída a indomável natureza humana é claramente exposta. As palavras de ordem e os slogans são abandonados e substituídos por manifestações dedicadas a exaltar a segurança material. Eis uma comédia que sem ser brilhante faz pensar, até por colocar Jules e Jim num momento histórico. O filme repete a afirmação de que no centro de tudo está o ser humano. Ele deveria ser sempre a raiz procurada pelos radicais, aquela na qual se encontram todos os sonhos e todas as realizações.

# fique ligado

## Duas noites de Marina Sena

Uma das principais estrelas da música brasileira contemporânea, a cantora Marina Sena retorna a Porto Alegre nesta sexta-feira e sábado, promovendo seu novo álbum *Coisas Naturais*. Os shows acontecem no Opinião (José do Patrocínio, 834), a partir das 23h. Restam poucos ingressos à venda, somente para a apresentação de sexta-feira, na plataforma Sympla.

Com 5 milhões de ouvintes no Spotify e acumulando mais de 320 milhões de views no YouTube, Marina conquistou um lugar de destaque no concorrido cenário pop nacional. Além de singles do novo trabalho, como *Numa Ilha*, canções como *Por Supuesto*, *Me Toca*, *Dano Sarrada* e *Tudo pra Amar Você* também fazem parte do setlist, em uma apresentação marcada pela sensualidade e pelo visual exuberante.



Cantora se apresenta no Opinião

## Guitarra e orquestra em clássicos do rock

No sábado, às 21h, a Orquestra da Ulbra realizará mais uma edição do espetáculo *Clássicos do Rock Internacional*, com a participação do guitarrista Frank Solari. Serão apresentadas canções de bandas que marcaram gerações, como *Nothing Else Matters* (Metallica), *Another Brick in the Wall* (Pink Floyd), *With a Little Help from My Friends* (Lennon/McCartney), *Cryin'* (Aerosmith), *Sabbath Bloody Sabbath* (Black Sabbath), *Stairway to Heaven* (Led Zeppelin) e *Smoke on the Water* (Deep Purple). O show acontece no Teatro da Amrigrs (Av. Ipiranga, 5.311), e os ingressos (R\$ 85,00 na modalidade solidário) estão à venda no Sympla.

## Comédia francesa no Salão de Atos da Pucrs

Discutindo temas como a dificuldade de escuta em nossas relações mais íntimas, a comédia *O Nome do Bebê* terá duas sessões neste domingo no Salão de Atos da Pucrs (Ipiranga, 6.681), às 16h e às 19h. Ainda há ingressos para a sessão das 16h, a partir de R\$ 110,00 e com opções de meia-entrada, no site Disk Ingressos.

Na peça, Vicente e sua es-

posa, que esperam seu primeiro filho, são convidados pela irmã dele e o seu cunhado para um jantar. Quando o pai de primeira viagem revela o nome de seu filho, conflitos são levantados, levando a revelações que mudarão as relações entre todos. A direção é de Elias Andreato e o texto foi traduzido do original francês por Clara Carvalho.

## Novo volume de contos de Sergio Luiz Fleck

O escritor e consultor Sergio Luiz Fleck lança no domingo, às 18h30min, seu novo livro *Coice de Porco e Outros Contos Curtos*, em sessão de autógrafos no Z Café (Nilópolis, 543). A entrada é franca. A obra (publicada pelo selo Dörzbach, de propriedade do autor) reúne 40 contos curtos em 83 páginas que transitam entre

o sarcasmo e a empatia, revelando situações cotidianas com observações agudas, vozes múltiplas e reviravoltas inesperadas. Em suas histórias, Fleck convida o leitor a espiar frestas da vida alheia e, nelas, se reconhecer. Este é o nono livro do autor, em uma trajetória que transita entre poesia, crônica e conto.

### Agenda

- Cantor de rock Pedro Jules é uma das atrações do evento Baita Troço, voltado ao rock alternativo e que acontece no Estúdio Legato (Berlim, 540). Domingo, 16h, R\$ 30,00 no Infinitipay e no local.
- Escritor Danichi Mizoguchi lança novo romance *Eterna Fantasia* (Dublinense, 224 páginas, R\$ 69,90) no sábado, 16h, na Livraria Paralelo 30 (Vieira de Castro, 48). Livre.
- Thiago Amud e Alê Siqueira comentam o álbum *Enseada Perdida* em bate-papo do projeto online Obras Comentadas. Sábado, 16h, acesso gratuito pelo canal do mediador Felipe Antunes no YouTube.
- Manoel Cordeiro traz suas referências de guitarrada amazônica em show no Instituto Ling (João Caetano, 440). Intervenções gráficas e animações ao vivo de PV Dias. Gratuito, mediante retirada de ingressos no site do Instituto.
- Fernando Lima Lima une costura, pintura e poesia na mostra *A Pele do Bordado*, na Galeria Duque (Duque de Caxias, 649). Vernissage no sábado, 14h às 16h30min, entrada franca.
- Elisa Terra une música sulista e MPB no espetáculo *Etérea*, sábado, 18h, no projeto Ecarta Musical da Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Livre, com

- transmissão ao vivo no canal do YouTube da Fundação.
- Um dos tributos ao Pink Floyd mais respeitados do mundo, ATOM toca no Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) no sábado, 21h, em show que celebra os 50 anos do disco *Wish You Were Here*. A partir de R\$ 130,00, no Sympla.
- Bianca Gismonti e Julio Falavigna trazem composições de Egberto Gismonti e canções da MPB no show *Navegador de Silêncios*. Sexta-feira e sábado, 20h, na Sala Jazz Geraldo Flach (local confirmado após aquisição do ingresso). Ainda há entradas (apenas para sábado) pelo WhatsApp (51) 99916-1957.
- Feira do Vinil comemora 10 anos com edição especial na Travessa Passarinho da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). Expositores, raridades e cultura DJ. Sábado, a partir das 13h, entrada gratuita.
- Encontro no Instituto Ling (João Caetano, 440) traz Giordano Gio, Júlio Sperb e Christiane Paixão discutindo o anime *O Menino e a Garça* sob a ótica da psicanálise. Sábado, 15h, R\$ 39,60 no site e recepção do Ling.
- Evento musical *Fughettaço - Tributo a Fughetti Luz* homenageia figura icônica do rock gaúcho. Sábado, 21h, no Grezz (Almirante Barroso, 328),

ingressos à venda no Sympla.

- *Florbela, à margem de um poema*, espetáculo teatral baseado na vida e na obra da escritora portuguesa Florbela Espanca, abre temporada no Teatro Renasença (Erico Verissimo, 307). Sexta-feira e sábado, 19h, e domingo, 20h, ingressos pelo Sympla.
- Último show da série *História do Blues* celebra o blues contemporâneo com Guto Konrad. Sexta-feira, 21h, no Grezz (Almirante Barroso, 328). Ingressos no Sympla.
- Lançamento do vídeo documental *A Desconhecida Lenda de Makulelé - Aquilombamentos Culturais Transformadores*, do Bando de Brincantes. Sábado, 17h, gratuito mediante reserva pelo e-mail [bandodebrincantes@gmail.com](mailto:bandodebrincantes@gmail.com) (local será informado após confirmação do pedido).
- *Onde nascem as histórias? Literatura para crianças e natureza viva* traz bate-papo e contação de histórias com Cleonice e Clarice Bourscheid. Sábado, 15h às 17h, na Livraria Paisagem do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). Gratuito.
- Carlos Trevi abre exposição individual de esculturas *Ascensão* na Ocre Galeria (Polônia, 495). Sábado, 11h às 14h, entrada franca.



EXCLUSIVAMENTE NOS CINEMAS

HOJE

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA ACESSIBILIDADE DISPONÍVEL

# reportagem cultural



Oly Jr. foi fiel escudeiro do compositor Julio Reny durante mais de 15 anos

## Sob o céu de Julio

Cristiano Bastos\*

A história de Oly Jr. sendo escudeiro do bardo Julio Reny inicia-se no final dos anos 2000 (durando até meados de 2024), dias em que o guitarrista percorria o circuito de shows em bares e teatros de Porto Alegre. A parceria frutificou no grupo Os Irish Boys, junto do qual Reny fez a gravações dos álbuns *Bola 8* e *O Homem que Amava as Mulheres* (no qual Oly tem com o compositor parceria na canção *A princesa, a lady e o Anjo*), além do DVD *Julio Ao Vivo no Estúdio Marquise 51*. “Cheguei a fazer uma versão para *Uma tarde de outono de 73*, canção de seu emblemático disco *Último Verão*, para

um álbum meu que acabou sendo engavetado. Até que em 2009 o Julio mostrou-me uns escritos em folhas de caderno contendo poemas, frases soltas, desabafos e memórias. Certa feita, debrucei-me num longo poema sobre despedida que ele havia escrito. Dei uma lapidada na letra, acrescentei umas coisas, vertendo-o no formato de uma canção. Nascia dessa forma *Adeus companheiro*”. Como estava nessa época finalizando o álbum *Milonga Blues*, e, portanto, mergulhado nesse conceito, Oly fez da música (que ganhou registro em *Bola 8*) o que ele conceitua como uma espécie de “milonga western”.

Oly considera o tempo passado ao lado de Julio Reny um

período de muito aprendizado, no qual conseguiu explorar seu lado guitarrístico como nunca até ali havia experimentado. Nesse período, afirma, pôde dedicar-se a acompanhar um de seus ídolos na música gaúcha. “O Julio possui uma maneira muito própria de compor, valendo-se de acordes não muito usuais no rock, estruturas e sequências harmônicas bem peculiares, sofisticadas, que fizeram-me sair da minha zona de conforto musical calcada no blues”, reconhece. Julio Reny, por sua vez, é breve nas palavras mas certo no elogio feito ao seu antigo *side man*: “Oly Jr. é um músico dedicado que, além de muito bom, ama de verdade o que faz”.

## A palo seco com Belchior

Certa feita, em idos de 2003, cumprindo mais uma noite tocando no bar 8 1/2, em Porto Alegre, do qual era habituê, eis que, no lusco-fusco do recinto, Oly Jr. enxergou numa das mesas uma figura que parecia-lhe familiar. De início, deu continuidade ao seu repertório de blues e *folk songs*; de repente, eis que a tal figura levanta da mesa e vem em sua direção, tão logo havia finalizado um dos números musicais. Era ninguém menos do que Belchior. Conta Oly: “Sim, o Belchior em pessoa, um dos maiores artistas e composito-

res da música brasileira, apareceu num show meu, então levado pelo chapa Emilio Chagas, um dos grandes agitadores culturais da cidade, num dos melhores espaços que Porto Alegre já teve no quesito música autoral”.

Na finaleira da apresentação, relata o guitarrista, o cearense pediu para dar uma canja no show. “Como ele viu que o clima era meio bluesy, o Belchior pediu para tocar um ‘blues abolerado’”. Depois Belchior largou três clássicos que Oly manjava bem: *A palo seco*, *Velha roupa colorida* e *Como*

*nossos pais*. Após terem sido devidamente apresentados um ao outro, rolou um baita papo sobre música e arte em geral. “Belchior era um sujeito muito inteligente e com sentido existencial muito aguçado. Mostrava desenvoltura para dialogar sobre temas sejam mundanos, políticos, sociais ou espirituais. Daqueles seres humanos que se podia notar o quanto sangraram e choraram na vida. Quando vez por outra toco *A palo seco* nos meus shows, lembro desse momento inusitado e marcante em minha trajetória”, declara.

## Milonga blues

Oly Jr considera o blues sua primeira escola, a qual deu-lhe todo o suporte e base necessários para “ingressar na guerrilha artística e sobreviver no caos sonoro”. Mas, enquanto gênero musical, é a milonga que, em suas palavras, tem lhe acompanhado desde os tempos de piá. “A milonga vem me cutucando desde sempre, antes mesmo de eu começar a pensar sobre música, invadindo meus ouvidos e acalmando minha alma”, garante.

Para Oly, a milonga é a significação direta de uma sonora mistura campeira herdada de seus ancestrais pampeanos. Ao dar-se conta disso, sucedeu-se algo que Oly admite não conseguir explicar exatamente, mas que, de qualquer modo, traduz-se na necessidade de buscar suas origens musicais. “Através da milonga descobri que podia tanto resgatar minhas lembranças mais antigas quanto render homenagens a meus mestres, minha cidade, minha família. Encontrei na milonga um jeito peculiar de me expressar”, filosofa.

O compositor traça um relato mais detalhado sobre esse momento de epifania: “Em meados de 2008, eu completei dez anos de carreira e precisava de um divisor de águas. Tinha acabado de pôr na roda uma coletânea de canções de minha autoria e, anteriormente, havia lançado discos com canções de minha autoria. Naquela altura, achei que havia chegado a hora de revisar minha própria obra para então recomeçar do zero.”

Paralelo a isso, situa Oly, bateu

a vontade de escutar coisas “mais regionais”. Algo regional, ainda que contemporâneo. “Mesmo que minha escola tenha sido o blues, nunca deixei de escutar e tocar várias canções de artistas gaúchos que me fascinavam dentro do circuito musical sulista. Circuito esse no qual sempre eu sonhei me inserir”. Neste processo, começou a ouvir com atenção as músicas que Bebeto Alves havia lançado com letras de autoria do compositor e violonista nativista Mauro Moraes, constantes nas obras fonográficas *Milongueando uns Troços*, *Mandando Lenha* e *Milongamento*. “A audição destes álbuns emocionou-me muito, especialmente no caso das canções milongueiras. Algo aconteceu!”, exclama.

Todavia, o que acabou tocando-lhe com grande seriedade foi Vitor Ramil e seu álbum *Ramilonga* e também a nova safra de milongas que Bebeto Alves passou a produzir à época. A partir daí, como numa exortação, despertou em Oly a vontade de aprender os macetes desta tipologia musical. “Aos trancos e barrancos, exatamente quando comecei a tocar blues, passei a ouvir os mestres do gênero, tirando certas canções no violão e, ao mesmo tempo, tentando entender a relatividade musical própria da milonga”, diz.

A princípio, Oly pensou em compor algumas milongas, mas tinha a sensação de que iria imitar seus mestres. “Assim como eu componho blues em português e procuro passar minha vivência através das canções, justamente

## Dedo de vidro

“Blues com alma gaúcha”. Assim definiu o jornalista e crítico musical Juarez Fonseca acerca de Oly Jr. ao escrever a respeito de *Dedo de Vidro*, seu álbum lançado em 2014 com

produção de Otávio Moura. Na opinião de Juarez, trata-se do melhor letrista do blues brasileiro (e também o cara que mais identificou esse gênero com o Rio Grande do Sul). Na jornada



Folk, rock, blues e milonga: ‘rios’ que desaguam no delta musical de Oly Jr.



ELENICE ZALTRON/DIVULGAÇÃO/JC

Ao lado dos colegas do projeto *Violas ao Sul*, que explora a história e a importância da viola de dez cordas

para me diferenciar dos blueseiros norte-americanos, fiquei dias pensando em como tocar uma milonga de forma peculiar. Foi quando me deu o estalo de tentar tocar uma milonga tradicional num violão afinado para tocar um slide blues. Vi a luz! Chorei por alguns minutos, pois soube naquela hora que havia criado algo novo. Estava feita a milonga blues”, regozija.

Para o contrabaixista Jacques Jardim, parceiro seu no grupo Os Tocaíos, o fazer artístico de Oly Jr. é sinônimo de resistência social e cultural. “Ele nos mostra com sua música que é possível infundir componentes da cultura regional daqui, rurais e urbanos, com ingredientes estadunidenses, por exemplo, onde o blues surge com uma



TAMIRES KOPP/DIVULGAÇÃO/JC

Na época de *Bola 8*, com Julio Reny (Oly Jr. está ao fundo, no centro)

carga emocional pesada, em um contexto complexo de escravização e desigualdade social”, avalia. “Me parece que o Oly utiliza muito bem

essa essência catalisadora de dois estilos musicais geograficamente diferentes, mas que se unem na sua arte.”

do compositor em busca do “certo milongueiro” o disco pode ser definido como espécie de interlúdio em relação ao seus dois outros álbuns realizados sob a égide da milonga blues. “Em *Dedo de Vidro* fiz um apanhado dos gêneros que eu utilizo desde sempre: folk, rock, blues com acréscimo da milonga. São os quatro ‘rios’ que desaguam no delta que, por hora, forma o meu fazer musical”, conceitua. Já o mote instrumental do álbum, ele acrescenta, consistiu em compor seu repertório tendo em mãos a viola e o slide.

Ao perseguir a pluralidade de *Dedo de Vidro*, Oly Jr. diz ter inspirado-se numa gama diversa de nomes da música universal. Dentre os quais, ele cita: Robert Johnson, Mississippi Fred McDowell, Son House, Julio Reny, Bebeto Al-

ves, Vitor Ramil, Mauro Moraes, Noel Guarany, Jayme Caetano Braun, Tião Carreiro, Zé Côco do Riachão, Helena Meirelles, Renato Teixeira, e Rolando Boldrin.

A audição de *Dedo de Vidro* abre com a carta de intenções do álbum, a música *É mais um blues em português*. Mas é nos auto-afirmativos versos *Eu canto blues*, com participação do tecladista Luciano Leães, que Oly Jr. passa seu recado: “Eu canto blues quando eu tô feliz / Eu canto blues quando eu tô deprê / Eu canto blues pra me satisfazer / Eu canto blues em Porto Alegre pra sobreviver”. Em *O muro da Mauá*, por sua vez, o compositor destila uma espécie de crônica blueseira tendo como pano de fundo a enchente (a qual, em decorrência da tragédia chuvosa que acometeu a capital

gaúcha no ano passado, fica no aguardo de uma continuação) que em 1941 submergiu Porto Alegre.

Contador de causos, como um velho *bluesman*, Oly entrecruza no cenário que ponteia a canção *Uma avença* o compromisso a ser honrado com o “marvado”, reunindo na letra personagens oriundos de diferentes plagas como Riobaldo (narrador-personagem de *Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa), Blau Nunes (personagem fictício e também narrador da obra literária *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto) e Robert Johnson. Este último, um dos mais influentes músicos do Mississippi Delta Blues e referência primordial quanto à padronização do consagrado formato de doze compassos para o blues.

## Telegráficas de Oly Jr. sobre sua discografia

### Mendigos da Noite – Mendigos da Noite (2001)

Primeiro álbum e único por uma gravadora (Fran Discos). Banda com quatro cantores e compositores e canções guiadas pelo rock, blues e baladas.

### Oly Jr. – Tô na Mira (2003)

Primeiro álbum solo, gravado no estúdio C da Acit numa mesa analógica com produção de Egisto Dal Santo. Bobbyliano, raulseixista e ao mesmo tempo reflexivo. Predominantemente autoral. Contém versões para músicas de Nei Lisboa e Bob Dylan.

### Oly Jr. – Ineditismo Barato (2005)

Gravado ao vivo no Estúdio Live em formato de trio, tendo na formação Ricardo Bass no baixo e Nando de Azevedo na bateria. Somente canções autorais no repertório.

### Gaspo Harmônica & Oly Jr. – Na Capa da Gaita (2005)

Gravado ao vivo no estúdio General Rock. Duo blueseiro a la “do it yourself”. Músicas totalmente autorais. One, two, three, four... e dale toqueira blues!

### Gaspo Harmônica & Oly Jr. – Onde Está o Meu Dinheiro (2007)

Mesma linha do primeiro disco da dupla. Blues em português até o talo. Gravado no estúdio Musitek com participações especiais de Solon Fishbone, Alex Pardal e Gonzalo Araya.

### Oly Jr. – Algumas Canções (2007)

Gravado no estúdio Musitek em um *take* só para cada música com violão e gaita de beijo. Com alguns overdubs de guitarra para alguns solinhos arranca-tocos. Outro álbum muito inspirado em Bob Dylan.

### Oly Jr. – Pirataria Autorizada (2008)

Compilação de dez anos de carreira trazendo algumas canções de discos lançados até 2008 e também músicas inéditas até então engavetadas.

### Oly Jr. – Milonga Blues (2009)

Mudança de paradigma. Álbum conceitual unindo elementos formadores da milonga e do blues, traçando paralelos aproximando os deltas (do Mississippi e do Jacuí), slide na viola de dez cordas e blue notes em milongas, sotaque e paisagens sul-brasileiras no blues.

### Oly Jr. – Milonga em Blue: Notas do Delta (2012)

Versões para algumas milongas que permeiam a carreira de Vitor Ramil e Bebeto Alves numa abordagem mais bluesy. Participações especiais de Arthur de Faria, Paulo Inchauspe e Paulinho Cardoso. Gravado no estúdio Musitek tendo Os Tocaíos (Jacques Jardim no baixo e Jaques Trajano no cajon e bumbo leguero) como banda de apoio.

### Oly Jr. & Gonzalo Araya – Do Delta do Jacuí ao Deserto do Atacama (2013)

Álbum na linha duo com o maior nome da harmônica chilena. Cruzamos culturas sul-americanas tocando blues. Também gravado no estúdio Musitek, meu QG desde 2007.

### Oly Jr. – Dedo de Vidro (2014)

Álbum de Folk-Rock-Milonga-Blues, autoral, com viola e guitarra de dez cordas cravejado de slide.

### Oly Jr. – Viola de Revesgueio (2016)

Gravado no home studio do Paulo Inchauspe, contendo releituras de algumas músicas de meus álbuns anteriores trazendo arranjos de viola de dez cordas.

### Violas ao Sul – Violas ao Sul (2018)

Junção de quatro artistas que têm a viola de dez cordas como elementos fundamentais em suas obras, no intuito de resgatar a história e a importância deste instrumento na cultura sul-brasileira.



**Cristiano Bastos** é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

# nas telas

## Cazuza em intensidade máxima

Documentário que retrata um dos períodos mais intensos, produtivos e simbólicos da trajetória de um ícone do rock brasileiro, *Cazuza, Boas Novas* chega aos cinemas neste final de semana. Dirigido por Roberto Moret e Nilo Romer, o longa se concentra entre os anos de 1987 e 1989, quando Cazuza produziu três álbuns, ganhou diversos prêmios e subiu no palco para mais de 40 apresentações do espetáculo *O Tempo Não Para*.

Tudo isso enquanto lidava com o diagnóstico de AIDS e o agravamento contínuo de sua saúde. O documentário conta com imagens exclusivas e depoimentos inéditos de figuras que conviveram com o grande compositor, como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Frejat, sua mãe Lucinha Araújo e o próprio diretor do longa, Nilo Romero, quem dirigiu o último show do cantor e de quem Cazuza foi amigo e parceiro de composições.



## Diálogos filosóficos sobre a vida e a morte

Novo filme do diretor vencedor do Oscar e da Palma de Ouro, Costa-Gavras, *Uma Bela Vida* traz o encontro entre um renomado filósofo chamado Fabrice Toussaint (Denis Podalydés) e o Dr. Augustin Masset (Kad Merad), um médico especializado em cuidados paliativos. A partir de uma série de encontros em que o médico é o guia e o escritor

seu passageiro, a dupla se engaja em um profundo diálogo filosófico sobre a vida e a morte, em uma abordagem poética onde cada paciente é um livro de emoções, risos e lágrimas. Inspirado no livro homônimo do jornalista Régis Debray e do médico Claude Grange, este é o vigésimo longa de Costa-Gavras, de 92 anos.

## Nem todo verão traz boas lembranças

Retomada da franquia de terror que marcou o gênero no final dos anos 1990, *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado* promete manter os apreciadores do estilo colados na cadeira do cinema. O longa, dirigido por Jennifer Kaytin Robinson, é centrado em cinco amigos que provocam um acidente de carro fatal. Eles encobrem seu envolvimento e fazem um pacto de segredo em torno do incidente. Um ano

depois, uma série de acontecimentos pavorosos os obriga a encarar uma verdade assustadora: alguém sabe o que eles fizeram no verão passado, e está determinado a conseguir vingança. Enquanto são perseguidos um a um por um assassino, os amigos descobrem que isso já aconteceu antes, e vão atrás de dois sobreviventes do lendário Massacre de Southport de 1997, em busca de ajuda.

# palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Situação difícil (gíria)	Drama-turgo de "Cyrano de Bergerac"	Reage a um bom filme de comédia	Medalha da skatista Rayssa Leal nos Jogos de Paris	Iguaria; petisco	Punição imposta à depufada Flordelis, aprovada pela Câmara em 2021
			Prosas literárias		A classe abastada
					Todos, em inglês
As doenças de origem desconhecida (Med.)	Opereta cômica espanhola	Planta forrageira para gado de leite	Medida aeronáutica Roentgen (símbolo)	Forma da cruz de Santo Antônio	Leticia Sabatella, atriz mineira
Veículo como a Starship, da SpaceX					
Coroa de orixás, no rito do Candomblé			(?) Paraíso, centro esotérico situado em Goiás		Comparação entre 2 ou mais coisas
		Ofídio peçonhento		Sim (pop.) Conservante do bacalhau	O temor do cinóforo Deus, em inglês
					O porto de Chicago, por sua localização
Banais Congrega advogados (sigla)			Figura de rapaz no baralho Sabor		
Documento enviado ao comprador (pl.)	Gema exportada pela Austrália				Escola Municipal (abrev.)
				Pronome relativo feminino	
Organização como o Viva Rio	Alagoas (sigla) Ganho, em inglês		Aplicativo de videochamadas do Google		(?) the rocks: o uísque com gelo
		(?) de poder, crime de autoridades			Saudação informal Informação da data
		Tecido de toalhas de mesas de festas	Também, em inglês		
O início da viagem				Excelente (fem.) Volt (símbolo)	Ser estudado pela Ufologia
O assunto que gera debates	Que não foi tocado				

BANCO 2/on. 3/all — duo — god — tou. 4/gain. 8/zarzueta. 11/idiopáticas. 4

## #FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Assine agora! Acesse nosso site!

COQUETEL

### Solução

O	S	R	E	V	O	R	I	N	O	C
T	E	R	R	O	V	A	T	I	N	
V	M	I	O	D	V	A	I	D		
D	O	S	U	B	V	G	N	O		
N	O	U	D	V	A	L	V	A		
J	U	C	S	R	A	S	T	U		
M	O	V	A	L	P	A	O	S		
D	O	G	V	A	L	E	T	E		
D	O	I	S	V	A	I	L	A		
O	V	E	T							
Ç	O	T	V	E	A	V	N			
L	V	U	Z	V	A	Z	O			
S	L	T	R	N	M					
S	V	A	T	P	O	I	D	I		
V	E	R	E	N	G	U	E			
C	O									

## Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ **Áries:** Seus sentimentos estão em ebulição, de maneira especial. É fundamental repensar os desejos e motivações amorosas. Procure entender direito o que acontece.

♉ **Touro:** O convívio familiar e a organização da rotina são mais difíceis enquanto Mercúrio está em movimento retrógrado. Veja o que está equivocando e aperfeiçoe o modo de atuar.

♊ **Gêmeos:** Os pensamentos e as ações tendem a se complicar e se desorganizar bastante. Esta pode ser uma fase difícil para sua rotina, em casa e no trabalho.

♋ **Câncer:** Começa um período difícil para os negócios, as lidas financeiras e a organização das posses materiais. Bobagens podem ser feitas, sem perceber ou por ignorar algo.

♌ **Leão:** Mercúrio retrógrado indica mudanças necessárias nas relações humanas e em seu modo de ser. Você se confunde, mesclando sentimentos e pensamentos de maneira enganosa.

♍ **Virgem:** Torna-se agora mais difícil comunicar-se com as pessoas no trabalho e nas atividades cotidianas. Certas atividades talvez tenham que ser retomadas desde o começo.

♎ **Libra:** Dificuldade para preservar as amizades. A comunicação entre vocês se complica. Talvez passe a não saber direito com quem pode contar. Não insista no que der errado.

♏ **Escorpião:** Mercúrio retrógrado indica começo de período em que terá que refazer certas situações na carreira profissional. Há coisas que precisam ser modificadas no meio do caminho.

♐ **Sagitário:** As aspirações são perturbadas por dúvidas e questionamentos. Alguns pensamentos devem ser repensados. As viagens, comunicações e o cotidiano são prejudicados.

♑ **Capricórnio:** Os detalhes podem começar a lhe pegar de jeito, em especial nos assuntos financeiros. Seja menos displicente na lida com os compromissos e respeite o que está estabelecido.

♒ **Aquário:** Mercúrio retrógrado aponta mudanças de atitude nos relacionamentos afetivos e também nas relações de trabalho. Uma orientação firme e estável é fundamental para eles.

♓ **Peixes:** As dificuldades podem se mostrar difíceis e sem saída até quase o final deste dia. As tarefas práticas no trabalho e no trato com a saúde tendem a ser as mais difíceis.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Democracias

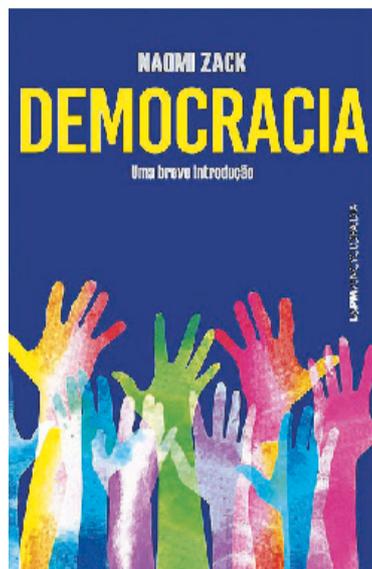
Na democracia direta da Grécia do século V a.C., mulheres, escravos e estrangeiros não tinham direitos políticos. Em Roma, século VI a. C., surgiram os representantes eleitos, uma República, algo próximo de uma democracia representativa. Na Idade Média os reis, nobres e religiosos comandavam e a democracia desapareceu. Nos séculos XV a XVIII, o Renascimento e o Iluminismo trouxeram ideias de liberdade, divisão dos poderes e soberania popular. As Revoluções Americana e Francesa trouxeram as democracias liberais, com todos votando. Depois da II Guerra e dos regimes fascista e nazista, as democracias cresceram até chegar aos desafios de hoje.

*Democracia - Uma breve introdução* (L&PM Editores, 230 páginas, R\$ 54,90), de Naomi Zack, professora de filosofia do Lehman College - NY, ex-professora em Albany e Oregon

e autora de dezesseis livros, oferece aos leitores uma introdução acessível ao conceito de democracia e, acima de tudo, faz reflexões sobre seus desafios contemporâneos.

As democracias no mundo estão em crise, enfrentam questões de credibilidade e funcionamento. Há retrocessos, desinformação, polarização, desigualdade, frustração, golpes e ditaduras digitais. Naomi estudou a evolução da democracia desde a Grécia até hoje, apresenta os principais pensadores e sugere que se pense sobre como surgiu e como se desenvolveu a democracia, para protegê-la.

“Os governos são chamados de democráticos quando há separação dos poderes, as eleições são livres, a maioria pode tomar decisões por todos, os direitos dos indivíduos são respeitados pelo governo, os governados são tratados com igualdade, há liberdade de imprensa e liberda-



de de dissenso, e os governados geralmente consentem com o governo existente, mas mantêm o direito de mudá-lo”, ensina a autora, que reflete sobre a necessidade de princípios humanitários para a busca da moral política, da paz e do desenvolvimento para todos.

## e palavras...

### OS MUITÍSSIMOS PAULO SANT'ANA

Paulo Sant'Ana (1939-2017), nome mais fulgurante da imprensa gaúcha entre as décadas de 1970 a 2017, foi mais do que um gênio indomável ou um gênio idiota, título do mais marcante de seus oito livros. Paulo Sant'Ana foi literalmente muitíssimos, um Fernando Pessoa múltiplo em dezesseis mil crônicas, escritas em 45 anos de jornalismo.

Sant'Ana provocava amor, paixão, amizade, respeito, admiração, parceria, ódio, rancor, medo, ciúme, inveja e ressentimento. Polêmico, egocêntrico, exagerado, idolatrado e odiado, também odiava a indiferença. Tinha um faro gigante pelos temas mais vivos e todos os dias trabalhava muito, como um mouro.

A tarefa de um bom biógrafo, tipo Ruy Castro ou Fernando Moraes, é colocar o falecido a andar e falar de novo entre nós. É bem o caso de *Paulo Sant'Ana - O gênio indomável* ( Editora AGE, R\$ 95,00, 288 páginas), do consagrado, produtivo e competente jornalista, escritor, produtor cultural e biógrafo Márcio Pinheiro, autor, entre outros livros, de *O Que Não tem Censura num Nunca Terá: Chico Buarque e a Repressão Artística durante a Ditadura Militar* ( L&PM Editores), já em segunda edição. Há mais de três décadas, Márcio trabalha com cultura e jornalismo, e foi colega de Sant'Ana três vezes no jornal Zero Hora.

Muito já se disse e muito já se escreveu sobre Paulo Sant'Ana, mas Márcio teve o mérito de ter lido, relido e treslido milhares de crônicas dele, ter considerado todos os milhões de sentimentos de Paulo/Pablo e conversado com mais de trinta colegas, amigos, parentes, chefes,

médicos e confrades. Márcio mostra bem o lado bipolar e mercurial de Sant'Ana, que tinha muitas inseguranças e uma necessidade infinita de chamar a atenção, se afirmar e de ser reconhecido.

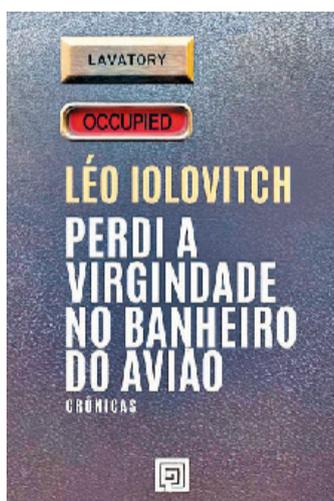
No programa Sala de Redação, Sant'Ana mostrava talento e gremismo inveterado, digladiando com os colorados, elogiando jogadores, jornalistas e cartolas e criticando-os quando achava que fosse o caso. Mornidão não era com Sant'Ana, um homem que não gostava de passar despercebido, que gostava de comandar seus espaços.

Sant'Ana era da noite e do dia, trabalhador, boêmio, sincero, mentiroso, amoroso e rancoroso. Gostava de cantar nos botequins, amava São Francisco de Assis e tinha paixão por jogos de azar. Sant'Ana disse que não teria sucessor, que era absolutamente insubstituível, e furtou cigarros do caixão do Mario Quintana, que tinha deixado de fumar muitos anos antes de morrer.

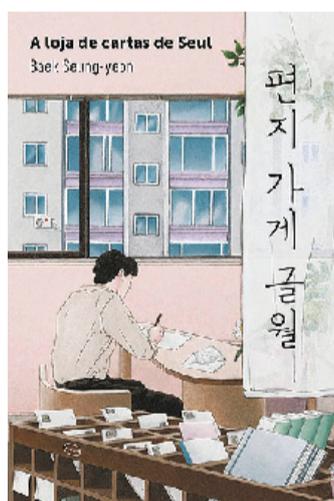
Sant'Ana dividiu com absoluta franqueza e generosidade os traumas decorrentes das atitudes de seu pai, que considerava um carrasco. Sant'Ana conta que, apesar de tudo, conseguiu viver, sobreviver, trabalhar e emocionar diariamente milhares e milhares de pessoas.

A famosa entrevista com o Jô Soares, o uso do Viagra, os encontros com Pelé e Julio Iglesias, os vários maços de cigarro consumidos diariamente e as mil andanças, palavras e atitudes de Sant'Ana estão entre nós, nas mãos de um biógrafo que trabalhou afanosamente mas que, sábio, colocou o hiperprotagonista Paulo Sant'Ana em *close* permanente.

## Lançamentos



► **Perdi a virgindade no banheiro do avião** (Minotauro, 240 páginas, R\$ 69,90), do renomado advogado, escritor e cronista Léo Iolovitch, autor dos livros *O sapato do pirata* e *Descendo da nuvem*, apresenta crônicas bem elaboradas e modernas. Deonísio da Silva na apresentação: “Léo decola nacionalmente a bordo deste livro e vai navegar junto aos autores que têm o que dizer e sabe como.”



► **A loja de cartas de Seul** (Editora Intrínseca, 256 páginas, R\$ 49,90), de Baek Seung-yeon, premiada escritora coreana, é um delicado e denso romance sobre a arte perdida de escrever cartas num mundo cada vez mais virtual. Perda, família, irmã e perdão estão na narrativa envolvente, que faz pensar sobre relacionamentos familiares.



► **Sexo, política, poder e outros ensaios** (EST Edições, 208 páginas) do consagrado médico, escritor, ensaísta e articulista Franklin Cunha, autor de várias obras, apresenta ensaios consistentes sobre medo, arte do impossível, pornografia, leis e salsichas, semiótica de banheiros, Keynes e o Bolsa Família e muitos outros temas atuais e relevantes.

## A propósito

Infância pobre, difícil, trabalhos modestos na juventude, mas Sant'Ana, ao invés de fazer do limão uma limonada, fez muitas e gostosas caipirinhas. Aqui no céu mando eu, deve ter dito Sant'Ana ao recém-chegado Ruy Carlos Ostermann. Obrigado ao Márcio Pinheiro por colocar a andar e falar livremente por aqui o guri pobre,

delegado, vereador, jornalista, cantor, amigo, inimigo e muito mais. Biógrafo é para isso, para ressuscitar pessoas, se bem que o Sant'Ana nunca morreu e nem vai morrer tão cedo. Enquanto lembramos, ele está muito vivo, como sempre foi. Autógrafos dia 22, às 18h, na Livraria A Página Shopping Praia de Belas. **(Jaime Cimenti)**

## pensando cultura

# Nova fase do Movimenta Cena Sul

Adriana Lampert

Iniciativa que marca a ocupação do recém-inaugurado Teatro Simões Lopes Neto, no Multipalco Eva Sopher (rua Riachuelo, 1089) a Mostra Movimenta Cena Sul irá apresentar sete espetáculos que transitam por linguagens como teatro, música e dança, entre os dias 19 e 28 de julho. Apesar de mais enxuto, o evento dá continuidade ao Festival Movimenta Cena Sul (que surgiu há um ano com o objetivo de gerar oportunidades de trabalho para artistas afetados pelas enchentes no Estado), agora direcionando seu propósito para o fortalecimento da cena artística gaúcha. Os ingressos, a preços populares, custam R\$ 20,00 (meia-entrada) e R\$ 40,00 (inteira) e podem ser adquiridos pelo site do Theatro São Pedro.

Realizada com recursos da Fundação Teatro São Pedro e da Associação Amigos do Theatro São Pedro, a mostra de 2025 contou com a curadoria da equipe do Departamento de Programação do TSP, com suporte do Instituto Estadual de Artes Cênicas (Ieacen). O critério de seleção dos grupos e artistas envolvidos considerou sua trajetória e sua “potência” na cena atual, bem como a temática de suas obras. “Serão dois shows musicais e cinco montagens de teatro e dança, com discursos que atravessam temas como diversidade, raça, gênero, universo *queer*, meio ambiente, impactos emocionais e sociais da enchente, além de comportamento e política”, destaca a diretora artística da Fundação Teatro São Pedro, Gabriela Munhoz.

O primeiro final de semana da Mostra dedica-se à música, com apresentações de artistas gaúchas que homenageiam figuras femininas. Neste sábado, às 20h, Shana Müller abre o evento acompanhada de sua banda, com o show *Canto de América*, em homenagem aos 90 anos de nascimento da cantora argentina Mercedes Sosa (1935 - 2009). Valorizando também as heranças indígenas, negras e espanholas, o espetáculo é construído em português e em espanhol, e destaca ritmos como bolero, tango, milonga, chacarera e zamba.

No domingo, às 18h, a atração musical é *O nome dela é Gal*, show de Fernanda Copatti em tributo a Gal Costa (1945 - 2022), que completaria 80 anos em 2025. O espetáculo apresenta a versão mais roqueira da cantora baiana, e conta com um repertório de músicas assinadas por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Luiz Melodia, João Donato e Jards Macalé.



O show *Canto de América*, de Shana Müller, é uma das atrações do primeiro final de semana da Mostra Movimenta Cena Sul, que vai até 28 de julho

“Trazer essas duas mulheres com trajetória na cena local, cantando e homenageando outras grandes mulheres, em tom celebrativo e abrindo a Mostra, está muito ligado ao discurso curatorial do evento, porque memória e patrimônio cultural também são assuntos que nos interessam como diretora de política pública”, afirma Gabriela, que lidera o Departamento de Programação do TSP. “Além disso, é uma forma de ressaltar que o Teatro Simões Lopes Neto acolhe muito bem os espetáculos musicais, pois tem uma acústica incrível e um fosso enorme para orquestras”, emenda.

De acordo com a diretora artística da Fundação Teatro São Pedro, a versão *pocket* do Movimenta Cena Sul foi pensada também com o intuito de que a classe artística gaúcha conheça, explore e ocupe este que é o principal espaço do Multipalco Eva Sopher. Inaugurado em março deste ano e destinado a espetáculos teatrais, sinfônicos, de música e de dança, o Teatro Simões Lopes Neto tem 700 metros quadrados de área e é composto de palco em formato italiano, além da plateia, mezanino e camarotes (totalizando 555 lugares). “Esta é uma mostra voltada, nesse momento, a trazer os artistas para ocuparem o que é deles”, destaca Gabriela.

A segunda semana do evento enfoca as artes cênicas. Na quinta-feira que vem, às 20h, a

programação segue com a peça de dança *Onde está Cassandra?*, que celebra os 25 anos de carreira da *drag queen* Cassandra Calabouço. Em cena, o elenco (formado por Cassandra e as *queens* Alpine a Grande, LadyVina, Savannah Queen e Zélia Martínez) apresenta coreografias, cenas e números de *lipsync*. A narrativa conduz o espectador, de forma contundente e divertida, a explorar, desvelar e descobrir “camadas” mais profundas sobre identidade e respeito à diversidade.

Na sexta-feira, dia 25, o espetáculo *Rhinocerontes*, com direção de Eduardo Kraemer e inspiração em Eugène Ionesco, será apresentado com uma nova roupagem, iniciando nas ruas do Centro Histórico e percorrendo o foyer do Multipalco Eva Sopher antes de chegar ao palco principal. A peça é uma sátira sobre a conformidade e a alienação da sociedade moderna, que mostra a transformação gradual dos habitantes de uma cidade em “rinocerontes”.

Na noite seguinte (26), *Peixes*, de Camila Vergara, é apresentada por dez artistas da dança, do teatro e da performance. A coreografia propõe uma reflexão sobre presente, futuro e a força do coletivo. Já no dia 27, domingo, o Grupo Teatral Leva Eu apresenta *Negreiros*, que utiliza a metáfora para abordar situações análogas ao trabalho escravo e temas como racismo, preconceito e corpo negro.

O encerramento da Mostra, no dia 28 (segunda-feira), será com a apresentação da nova montagem do Coletivo Gompa, *A menina dos olhos d’água*. O espetáculo, dirigido por Camila Bauer e com atuação de Liane Venturella, é destinado tanto para crianças a partir de seis anos como para adultos. Abordando a história de uma menina vítima de enchente, com reflexões sobre pertencimento, exílio, deslocamento, perda e superação, a peça estreou na Alemanha e teve apenas uma apresentação em Porto Alegre, no teatro do Instituto Goethe.

“Dar espaço a esse tipo de pauta é externamente importante, ligada ao movimento do (Festival no) ano passado, apresentando o que se produziu no pós-enchente, com ênfase na temática ambiental”, afirma Gabriela. “Por outro lado, espetáculos como *Onde está Cassandra?*, que foi sucesso de crítica na temporada no Rio de Janeiro, trazem questões muito caras não só nesse momento, mas sempre”, emenda.

A diretora artística da Fundação Teatro São Pedro ressalta que o Festival Movimenta Cena Sul foi concebido em 2024 como uma ação emergencial. “Naquela ocasião, o evento, patrocinado pelo Bannisul, envolveu a remuneração e contratação de mais de 800 artistas”, observa. “Em 2025, o evento chega reconfigurado, sem patrocínio externo, com um for-

mato mais compacto, como parte de uma estratégia de acolhimento e fomento à cena artística local, especialmente no contexto pós-enchente”, reforça.

O investimento na ocupação do Multipalco, que agora tem o Teatro Simões Lopes Neto em pleno funcionamento, é uma prioridade para a Fundação Teatro São Pedro, destaca Gabriela. Para esta edição, foram destinados R\$ 40 mil pela Instituição, em parceria com a Associação Amigos do Theatro São Pedro. Os grupos receberão cachê fixo e um percentual da bilheteria. “No ano passado, foram destinados mais de R\$ 1 milhão pelo Bannisul, que também injetou verba em projetos de recuperação de outras instituições de Cultura do Estado. Desta vez, não procuramos patrocinador porque o contexto é outro. Por isso estamos chamando de Mostra e não mais Festival.”

Ainda segundo a diretora artística, a Fundação TSP tem o desejo de dar continuidade ao Movimenta Cena Sul, mas a equipe reconhece que a possibilidade de o evento se tornar anual depende de variáveis como possibilidades financeiras e necessidades futuras. “O foco atual é a ocupação do Teatro Simões Lopes Neto pela classe artística. A ideia é tornar o espaço acessível às produções locais. Não adianta apenas termos as estruturas: também temos que ocupá-las.”